21 a 22 agosto 2025
CAMPINAS
VALENCIA
19 a 20 junho 2025
XVII SIIU
Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo
DOI: 10.5821/siiu.14052

PAISAGEM LITERÁRIA E O PALIMPSESTO URBANO

Reflexões em torno do Diário de Bitita (2014)

CASTRO, Luís[1]
PARAGUAI, Luisa[2]

Abstract
Taking experience as a process of construction and apprehension of space, the constitution of the urban landscape is articulated as a palimpsest, assuming Literature as a path for this reflection, together with the use of photographs of the spaces mentioned in the literary work "Diário de Bitita" (2014), by Carolina Maria de Jesus (1914-1977), about her hometown, Sacramento (MG). It is a posthumous autobiographical work of the author's childhood and youth memories in the early 20th century, in the region of the Minas Gerais triangle and northwest of São Paulo, permeating symbolic spaces of everyday life. It makes it possible to understand the landscape as a meaning of the accumulation of movements and experiences (Serpa, 2013), as a cultural construction arising from the relationship between subjects and space, through the mediation between the physical world and the lived world (Berque, 2023), in a combination of several present times (Santos, 2006), as well as the metaphor of the palimpsest (Pesavento, 2004). Therefore, in the combination of photographs of the mentioned spaces, as a visual instrument to condense memories of experiences (Souza, 2015), the landscape is assumed as a palimpsest of overlapping layers that constitute the lived space.

Keywords: *Geography and urban landscape, literary cartography, Carolina Maria de Jesus.*

Resumo
Tomando a experiência como processo de construção e apreensão do espaço, articula-se a constituição da paisagem urbana como um palimpsesto, assumindo a Literatura como caminho desta reflexão, conjunto ao uso de fotografias dos espaços mencionados na obra literária "Diário de Bitita" (2014), de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), sobre sua cidade natal, Sacramento (MG). Trata-se de uma obra póstuma autobiográfica das memórias infanto-juvenis da autora no início do século XX, na região do triângulo mineiro e noroeste paulista, permeando espaços simbólicos do cotidiano. Viabiliza-se compreender a paisagem como significado da acumulação de movimentos e experiências (Serpa, 2013), uma construção cultural provinda da relação entre sujeitos e o espaço, por meio da mediância entre o mundo físico e o vivido (Berque, 2023), numa combinação de vários tempos presentes (Santos, 2006), assim como a metáfora do palimpsesto (Pesavento, 2004). Sendo assim, na combinação de fotografias dos espaços mencionados como instrumento visual para adensar memórias das experiências (Souza, 2015), assume-se a paisagem enquanto palimpsesto de camadas sobrepostas entre si, que constituem o espaço vivido.

[1] Produção e Pesquisa em Arte, Escola de Linguagem e Comunicação (ELC), Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil, https://orcid.org/0000-0001-8033-215X, luis.hcs1@puccampinas.edu.br.

[2] Estudos Urbanos: Cultura e Arquitetura (EU:CA), Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil, https://orcid.org/0000-0002-3886-8118, luisa.donati@puc-campinas.edu.br.

Palavras-chave: *Geografia e paisagem urbana, cartografia literária, Carolina Maria de Jesus,*

Área temática: *Paisagem: Campo ampliado dos estudos urbanos.*

Subárea temática: *Fenomenologia do lugar: Paisagem, memória, identidade e coesão social.*

1. Introdução

A literatura oferece diversos meios de interpretações das experiências humanas nas mais variadas dimensões, sejam elas sociais, econômicas e espaciais. Desse modo, destacam-se os textos autobiográficos feitos por personalidades marginalizadas que carregam não apenas a própria trajetória, mas também as estruturas sociais que os envolvem e, por muitas vezes, os silenciam, invisibilizam e marginalizam.

As autobiografias feitas por personalidades marginalizadas implicam compreender a trajetória do sujeito conjunto ao quadro situacional do seu tempo, denunciando a vulnerabilidade que certa parcela da população é submetida. É a partir dessas narrativas autobiográficas que reflexões sobre as diferenciações sociais, econômicas e, sobretudo, espaciais, emergem.

Para tanto, tencionamos discutir sobre as paisagens por trás das autobiografias para perceber as camadas do tempo no espaço urbano uma vez mediadas por suas narrativas. Essa temática vem ganhando notoriedade nas últimas décadas por uma parcela de geógrafos, arquitetos e antropólogos interessados em desvendar "os lugares, as paisagens e os sujeitos, com a intenção de apreender as geografias presentes nestas 'pequenas memórias'" (Portugal, 2020, p. 33).

Porquanto, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a relação entre paisagem literária e palimpsesto urbano a partir da obra *Diário de Bitita* (2014), que reúne as memórias da infância e juventude da autora Carolina Maria de Jesus, nas primeiras décadas do século XX. A paisagem que emerge do texto é constituída por camadas de tempos e espaços, destacando a exclusão e a marginalidade do povo negro, haja vista se passar em um tempo próximo ao da abolição da escravatura (1888), uma perspectiva fértil para reflexões geográficas, literárias e urbanas.

Debruça-se sobre a autora pois era uma mulher preta, pobre, mãe solo, andarilha, migrante e moradora das favelas da cidade de São Paulo até a publicação da sua obra mais memorável: *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960). Carolina escreveu romances, novelas, poesias, memórias e músicas em folhas de papel coletadas das ruas, junto ao entulho que vendia para sustentar a si, ao seu barraco e aos seus três filhos na Favela do Canindé. A autora escreveu as obras *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços de Fome* (1963), e *Provérbios* (1965), que vem ganhando notoriedade entre entusiastas da Literatura Brasileira e pesquisadores.

O *Diário de Bitita* é uma obra póstuma da autora publicada pela primeira vez na França, em 1982, com o título *Journal de Bitita*, pela editora *Édition des femmes*, na coleção *Témoignages* (Testemunhos), após alguns manuscritos serem "entregues por Carolina para a pesquisadora brasileira Clelia Piza e a francesa Maryvone Lapouge, que foram entrevistá-la em 1975" (Pereira, 2015, p. 44). A intenção era inserir sua trajetória e algumas obras no livro *Brasileiras: voix, écrits du Brésil*, lançado em 1977, ano do falecimento de Carolina. A primeira versão da obra publicada no Brasil foi em 1986 pela editora Nova Fronteira.

Apesar de receber o título de "Diário" a obra é de caráter memorialístico. Trata-se do período da infância e juventude da autora vivenciados no interior da região do triângulo mineiro e do noroeste paulista, entre 1914 a 1947, até se mudar para a cidade São Paulo na busca da prosperidade "ofertada" pela metrópole. Os rascunhos que resultaram na obra *Diário de Bitita* provêm de um manuscrito autobiográfico e um projeto de romance da autora intitulados *Um Brasil para os brasileiros: Contos e Poesias* e *Meu Brasil*.

Repartido em vinte e dois capítulos, as narrativas são carregadas das reflexões da autora em um mesclado de impressões da inocência de uma criança e das reflexões de uma mulher madura, assim como camadas de narrativas que esboçam um espaço vivido com a perspectiva dos marginalizados, em um tempo em que a produção literária e intelectual era reservada a um seleto grupo da elite branca e alfabetizada. Vale mencionar que boa parte da infância Carolina vivenciou em sua cidade natal,

Sacramento (MG). No início do século XX, a cidade estava inserida na lógica da agropecuária, no contexto da República Velha (1889-1930), período que realçava “a raça como categoria central que articulava a pertença ou não do sujeito a nação” (Miranda, 2019, p. 29).

Ao contextualizar suas narrativas e vivências, a autora destaca alguns ambientes físicos ainda existentes na cidade mineira, como a matriz onde foi batizada; sua antiga escola; a região em que ficava sua residência e da comunidade negra; e a antiga cadeia na qual foi presa junto com sua mãe quando jovem. A autora também cita suas mudanças entre cidades vizinhas, com poucas descrições do trajeto percorrido, apesar de realizá-los caminhando sozinha durante o dia e a noite.

É nessas narrativas sobre diferenciações de tempos e espaços que uma específica dinâmica espacial do passado emerge da obra literária ao leitor. Assim como a noção da hipertextualidade, na junção de diferentes fragmentos textuais, “derivada de uma obra de ficção (narrativa ou dramática)” (Genette, 2010, p. 18), parte-se da reflexão sobre a paisagem urbana como acúmulos de camadas, de tempos e movimentos do cotidiano, assim como em um palimpsesto, desveladas pela narrativa autobiográfica.

2. Objetivos

Este estudo busca compreender de que forma *Diário de Bitita* opera como um testemunho sobre a paisagem urbana. Ao interseccionar literatura, geografia e análise da paisagem a partir de fotografias, pretende-se evidenciar como textos autobiográficos, como o da escritora Carolina Maria de Jesus, reescrevem paisagens nas camadas do tempo e do espaço.

Para isso, tomamos por base Berque (2023), na compreensão da paisagem como construção cultural da relação entre sujeitos e o espaço, articulando o mundo físico e o vivido. Nesse contexto, a dinâmica socioespacial e as disputas territoriais nas dobras das narrativas são como reflexos das relações de poder e de exclusão social, racial e de gênero no espaço urbano, mas também produto da divisão social e técnica do trabalho e de um espaço fragmentado e hierarquizado (Carlos, 2007).

A associação de palimpsesto ao espaço geográfico suscita as materialidades como portadoras de vários eventos dados pelas relações sociais aos quais o objeto é subordinado (Santos, 2006). Assim, através do uso de fotografias feitas em trabalho de campo em janeiro de 2024, em Sacramento, busca-se compreender os ambientes e as narrativas como camadas complementares da paisagem do espaço urbano.

3. Desenvolvimento da pesquisa

A união entre a Literatura e a Geografia não é recente. Da “antiguidade ao renascimento, a história de um povo estava intimamente ligada à geografia do seu território, frequentemente expostas numa prosa literária” (Oliveira; Marandola Jr., 2013, p. 122). A Geografia, junto à crítica literária, e a Literatura, junto a análise do espaço geográfico, tendem a ganhar “novos instrumentos que permitem realizar aproximações impensadas em outro tempo e constituí novas interpretações” (Suzuki, 2017, p. 141).

Na centralidade desta discussão, o conceito de paisagem surge como operador na interrelação entre ambas as áreas. Desde o século XIX, a paisagem é tratada, por vezes, como descrição da superfície terrestre, e ponto de partida para compreender os aspectos físico-geográficos, como o “relevo, suas formas, seus contrastes” (Monbeig, 2021, p. 281). Desde o final do século XX, foi recebendo outras denominações devido aos estudos sobre a subjetividade humana que passaram a compreender o espaço geográfico como “resultado do processo de acumulação de movimentos, elementos e experiências de forma contínua no tempo” (Serpa, 2013, p. 170).

Augustin Berque (2023) destaca a paisagem como uma construção cultural provinda da relação entre sujeitos e o espaço, por meio da combinação entre o mundo físico e o vivido, propondo, assim, uma complementaridade entre pensamento e paisagem, como adverte: “nosso ser comum é em grande parte a paisagem” (Ibidem, p. 123). Vale ressaltar, em Schier (2003, p. 81), a ideia da paisagem como “forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela”.

Santos (2006) ressalta que “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes” (Reboratti, 1993, p. 17 *apud* Santos, 2006, p. 67), logo, a interação da paisagem e do espaço assumem a metáfora do palimpsesto, ou seja, da acumulação de tempos e movimentos que se sobrepõe um ao outro. Palimpsesto é entendido como o movimento de apagamento em antigos pergaminhos nos quais

“a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam por vezes, ainda visíveis” (Pesavento, 2004, p. 26).

A partir de Bastos (1998) assumimos que não se deve concentrar apenas as descrições físico-geográficas da descrição da paisagem ao usar a Literatura para reflexões geográficas, pois, “deve ser considerada como aspecto mais visível do espaço. É possível e necessário apreender e revelar aspectos e traços humanos essenciais” (Bastos, 1998, p. 63). Além disso, destaca-se que os discursos são formadores de realidade e o conhecimento impõe-se como uma prática discursiva, uma vez que é através do discurso e da linguagem que constroem concepções da realidade mediada pelas experiências e vivencias individuais.

Apesar da parcialidade do discurso, seja ele literário, político ou científico, este é “um meio da representação do real, no qual os processos de estruturação do simbólico estão presentes” (Ibidem, p. 58). São nessas perspectivas que a união entre a Geografia e a Literatura podem propiciar uma análise crítica do espaço geográfico da constituição da paisagem urbana em palimpsesto.

Nesta discussão, a união entre Geografia e Literatura “não apenas aproxima dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações” (Oliveira; Marandola Jr., 2013, p. 122). Nos estudos da análise do espaço geográfico e do urbano, a Literatura deve ser entendida como complemento ou fonte de informações. Apesar do variado número de possibilidades que essa união desencadearia, pouco ainda é referido ao uso de narrativas literárias, sobretudo, as autobiográficas.

Sendo assim, para esta empreitada, utilizam-se fotografias feitas em trabalhos de campo em janeiro de 2024 como recurso imagético que possibilita ir além do diário escrito para o diário gráfico, como suscita Azevedo (2016, p. 104), no uso de desenhos para “ampliação das formas de notação e registro como formas particulares de produzir conhecimento”. É a partir das fotografias dos ambientes descritos em trechos na obra de Carolina Maria de Jesus que se faz a reflexão e a aproximação do conceito exposto: o palimpsesto e o urbano.

4. Resultado

Tratando-se da obra *Diário de Bitita* (2014), é importante considerar dois momentos nas narrativas: o período da infância, quando Carolina viveu junto ao seu grupo familiar em Sacramento; e quando partiu para morar no campo, nos arredores de Uberaba (MG), iniciando seus movimentos migratórios ao longo dos anos entre cidades mineiras e paulistas, até se mudar para a cidade de São Paulo, após a década de 1930. Essa divisão faz-se presente entre os capítulos “A escola” e “A fazenda”.

Dentro das áreas tratadas pela autora, em conjunto com as fotografias coletadas em trabalho de campo, destacamos a área do “Patrimônio” (Fig. 1), indicada pela Equipe do Arquivo Público Municipal de Sacramento, no atual bairro do Chafariz na porção oeste do município. Bitita nasceu em uma família numerosa que habitava a área do Patrimônio, que, segundo Farias (2018, p. 23), “poderia até ser denominado de o Quilombo do Patrimônio, origem de todos eles, especialmente dos entes mais velhos” como o avô de Bitita, o senhor José Benedito da Silva, um liberto da escravidão. As residências são destacadas pela autora como moradias simples, com telhado feito de capim e chão de terra dura:

> Os pobres moravam num terreno da Câmara: 'o Patrimônio'. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar seus filhos ao relento A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas (Jesus, 2014, p. 13).

DOI: 10.5821/siiu.14052



Fig. 1 *Fotografia da região do Patrimônio no bairro do Chafariz, em Sacramento (MG)*. Fonte: Do autor (2024)

Em uma das passagens, no capítulo “As madrinhas”, por volta de 1921, Bitita, junto a sua mãe e madrinha, vão até a Basílica do Santíssimo Sacramento Apresentado pelo Patrocínio de Maria (Fig. 2), para sua crisma. Os adornos no santuário e a lotação do ambiente marcam suas impressões.

> As velas estavam acessas. Os que entravam na igreja levavam flores. E a fusão das cores alegrava o templo santo. O perfume do incenso e das flores mesclava-se. Aquilo para mim era um deslumbramento. Depois que minha madrinha me crismou, voltamos a pé. Eu achei um lenço e a minha madrinha disse que eu poderia usá-lo depois que o levasse (Ibidem, p. 20).



Fig. 2 *Fotografia do interior da Basílica do Santíssimo Sacramento Apresentado pelo Patrocinio de Maria, em Sacramento (MG)*. Fonte: Do autor (2024)

A escritora também narrou a hostilidade sofrida em seus primeiros dias na escola, no antigo colégio espírita Allan Kardec (Fig. 3), fundado por Eurípedes Barsanulfo, por volta do início do século XX. É importante enfatizar que, apesar do pouco tempo em que frequentou a escola, Bitita estava entre as poucas crianças pretas que conseguiu acessar à educação.

Motivada por Dona Marquinha, assim como era apelidada a patroa de sua mãe, Bitita foi matriculada no colégio da cidade. No primeiro dia, a menina se assustou com os quadros do esqueleto humano e descreveu a amplitude do salão das salas de aula do andar superior, no canto do prédio. Os métodos

de ensino da professora Lonita Solvina eram rigorosos, incluía respostas ríspidas e reguadas. Foi no colégio que Bitita foi apresentada ao seu nome de batismo, após chorar em frente aos colegas de sala:

> Quando entrei na escola, eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar, comecei a chorar.
>
> — Eu quero ir-me embora. Eu quero mamar.
>
> A minha saudosa professora, dona Lonita Solvina, perguntou-me:
>
> — Então a senhora ainda mama?
>
> — Eu gosto de mamar. Os alunos davam gargalhadas.
>
> — Então a senhora não tem vergonha de mamar?
>
> — Não tenho!
>
> — A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e preparar as lições.
>
> Eu gosto de ser obedecida.
>
> Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!
>
> Fiquei furiosa e respondi com insolência:
>
> — O meu nome é Bitita.
>
> — O teu nome é Carolina Maria de Jesus.
>
> Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome (Ibidem, p. 127).

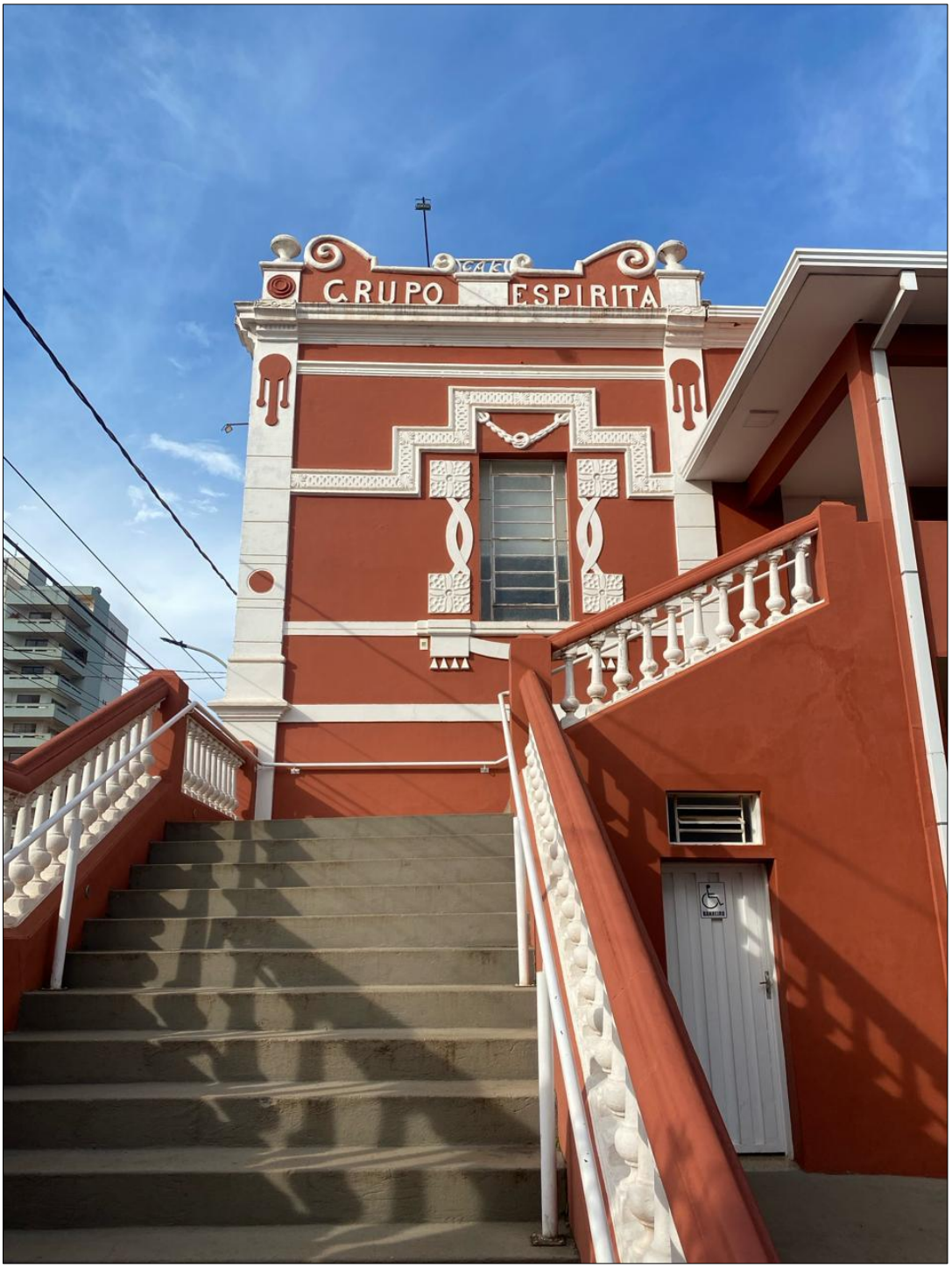

Fig. 3 *Fotografia das escadarias para as antigas salas de aula do prédio onde era o Colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG)*. Fonte: Do autor (2024)

Entre os marcantes episódios presentes na obra está a prisão de Bitita e sua mãe, ambas acusadas de bruxaria e difamação, após o retorno da autora à busca de tratamentos médicos de outras cidades. São narradas as torturas feitas pelos policiais dentro da antiga delegacia e cadeia que, atualmente, é o prédio do Arquivo Público de Sacramento (Fig. 4).

> O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui

ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem comer (Ibidem, p. 182).



Fig. 4 *Fotografia do corredor e as grades da antiga cadeia onde Carolina e sua mãe foram torturadas. Atual prédio do Arquivo Público Municipal de Sacramento (MG)*. Fonte: Do autor (2024)

5. Conclusão

A partir desses trechos, a autora narra suas memórias infanto-juvenis com destaque à violência e à pobreza em que estava inserida, algo que se tornou ainda mais acentuado quando relevado o período

que ocorreram essas memórias: o pós-abolição. É possível perceber a marginalidade e a violência sofrida pelo povo negro nas narrativas, forçando-os a habitar áreas afastadas das centralidades em péssimas condições. Desse modo, através das narrativas, a paisagem vai além daquilo que se lê. Isso porque as narrativas permitem interpretar uma paisagem por intermédio dos acontecimentos e dos desdobramentos de uma menina negra em uma cidade do interior. Nesse sentido, Castro (2015), disserta quanto aos limites da dimensão da paisagem e indica:

> Ela também abarca aquilo que pensamos, sentimos, acreditamos, tememos, desejamos (nossos sonhos) e tudo isso abarca a dimensão do imaginário; por isso, a paisagem aqui abordada vai muito além do quadro estático e frio. Sob a ótica fenomenológica de Eric Dardel, a paisagem geográfica desdobra-se e abre-se para além daquilo que eu vejo; dessa forma, não se tem uma paisagem única e coisificada, e sim leituras de paisagens, interpretações da paisagem em uma perspectiva ampla (Castro, 2015, p. 40).

Para Serpa (2020), a paisagem e a experiência integram as camadas dos acontecimentos corriqueiros e cotidianos, feitas por nossas relações sociais em diferentes espaços de modo que "a dimensão espacial de nossas ações e práticas se revela através da maneira como vivemos e reproduzimos nossas vidas no dia-a-dia (Serpa, 2020, p. 101).

Nesse contexto, a autora narra suas memórias que integram uma lógica do cotidiano em um outro tempo-espaço e, assim, revela em singelas palavras a relação entre os espaços mencionados junto à população que os usava, seja no batismo, nas brigas de rua, na escola ou delegacias. Daí parte a importância das fotografias, pois os registros desses espaços possibilitam unificar o cotidiano do passado narrado pela autora a partir das descrições autobiográficas e da atual condição das edificações mencionadas, assim como seus espaços e as práticas do cotidiano que os cercam. Desse modo, a fotografia opera como mecanismo de conexão entre o passado e o presente, mesclando diferentes cotidianos como camadas a serem observadas no urbano, um palimpsesto.

Nesse interim, ao refletir sobre o uso de fotografias das paisagens descritas em autobiografias, vale mencionar seu uso para desvelar o cotidiano do passado, uma perspectiva já utilizada no campo da Antropologia. Partindo dos pressupostos etnobiográficos, compreendendo as imagens (fotografias, desenhos) também como relatos que constituem narrativas, ao produzir uma cartografia dos percursos de migrantes e seus descentes na cidade de Salvador (BA), Souza (2015) constata a possibilidade de constituir um "percurso narrativo que forja um mapa de sua memória, que nos possibilita construir diferentes proximidades na trajetória de sua experiência" (Souza, 2015, p. 270). Assim, possibilita conduzir outras perspectivas, não somente históricas e sociais, mas também espaciais e culturais que configuravam e configuram o meio urbano vivido.

Vale mencionar que o uso de fotografias no estudo de Rodrigues e Vieira (2024) sobre processos de refiguração da cidade de Pelotas (RS), a partir da metáfora do palimpsesto, trata a cidade de maneira fragmentada à medida que o tempo se acumula e se superpõe em camadas de diferentes formas sobre as outras nas materialidades do espaço urbano. Assim sendo, "algumas camadas de baixo seguem expostas, perceptíveis, ainda hoje, na forma das cidades" (Rodrigues e Vieira, 2024, p. 391). Por sua vez, o uso das fotografias pelos autores, apresentam-se como ferramentas de compreensão dessas camadas, quando ocorre a sobreposição de fotografias do espaço urbano. Tal procedimento permite perceber o palimpsesto urbano como uma reescrita do tempo via imagem técnica.

A partir das narrativas na obra *Diário de Bitita*, é possível perceber na cronologia dada as maneiras de rememoração do seu passado, o modo como viveu, os sujeitos ao seu entorno e o cotidiano da cidade. Ao que cabe nesta premissa, as narrativas permitem acessar o passado da autora e, junto às fotografias das edificações mencionadas, promovem o reencontro dessas paisagens: a literária e a urbana. Trata-se de um exercício de representar e (re)significar ambientes que possuem funções diferenciadas do seu passado, aos quais possibilitam aguçar não apenas a leitura e compreensão da obra, mas os diferentes usos das materialidades urbanas que ainda estão presentes na atualidade.

O ato de rememorar, como os relatos narrativos em autobiografias, possibilitam compreender o palimpsesto urbano à medida que a cidade é concebida como superposição de várias camadas, algumas mais aparentes que outras, transformadas ao longo do tempo. A cidade é, sobretudo, a "exibição da marca do homem num universo mutável, e as sociabilidades antigas sedem lugar às novas" (Pesavento, 2004, p. 27).

Reflexões como essa possibilitam aprofundar a relação do ser humano com o meio e sua vivência por intermédio de indicativos da Literatura, nos quais uma paisagem urbana se altera e se superpõe ao longo do tempo a partir dos usos e (re)usos dos espaços urbanos. Sendo assim, nesse processo de reconstituir as camadas em palimpsesto das narrativas para suscitar e aguçar as impressões daqueles que leem e apreciam a obra, reconstitui-se as paisagens urbanas – do passado – sobre outras paisagens urbanas – as do presente – ao longo do tempo por meio de fotografias. Portanto, o fotografar faz parte do processo da leitura o qual permite enxergar a cidade operando sobre outras cidades, em seus respectivos tempos-espaços, entre narrativas autobiográficas.

6. Referências

AZEVEDO, A. (2016). Diário de campo e diário gráfico: Contribuições do desenho à antropologia. *Áltera – Revista de Antropologia*, *2*(2), 100-119.

BASTOS, A. R. V. R. (1998). Espaço e Literatura: Reflexões teóricas. *Revista Espaço e Cultura*, (5), 55-66.

BERQUE, A. (2023). *O pensamento-paisagem*. São Paulo: EDUSP.

CARLOS, A. F. A. (2007). *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH.

CASTRO, J. R. B. (2015). Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade no romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. *Geograficidade*, *2*(5), 38-51.

FARIAS, T. (2018). *Carolina: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê.

GENETTE, G. (2010). *Palimpsestos: A literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz.

MIRANDA, F. R. (2013). *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: Experiência marginal e construção estética*. Dissertação [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP)] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MIRANDA, F. R. (2019). “Diário de Bitita” ou “Um Brasil para os brasileiros”: Pós-abolição e narrativa em Carolina Maria de Jesus. *Revista Athena*, *17*(2), p. 26-42

MONBEIG, P. (2021). O estudo geográfico das cidades. *Revista Cidades*, *1*(2), 277-314. Disponível em: https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12543. (Acesso: 04/2025).

OLIVEIRA, L.; MARANDOLA JR, E. J. (2013). Caminhos geográficos para a literatura. Em: ALVES, I. F.; FEITOSA, M. M. M. *Literatura e paisagem: Perspectivas e diálogos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

PEREIRA, G. L. (2015). *Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas obras da narrativa de Carolina Maria de Jesus*. Tese [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia (UFBA)]. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 20-21.

PESAVENTO, S. J. (2004). Com os olhos no passado: A cidade como palimpsesto. *Esboços*, *11*(11), 25-30. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/ 10183/163491. (Acesso: 01/2025).

PORTUGAL, J. F. (2020). As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia. Em: PORTUGAL, J. F. *Geografias literárias: Escritos, diálogos e narrativas*. Salvador: EDUFBA.

RODRIGUES, F. S.; VIEIRA, C. B. M. (2024). Escrituras com imagens: Palimpsestos, tempo e cidade. *Iluminuras*, Porto Alegre, *25*(69), 388-409. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/137515. (Acesso: 26/12/2024).

SANTOS, M. (2006). *A natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP.

SCHIER, R. A. (2003). Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *RAEGA – O Espaço Geográfico em Análise*, [S. l.], *7*, 79-85. Disponível em: https:// revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353. (Acesso: 26/01/2025).

SERPA, A. (2013). Paisagem, Lugar e Região: Perspectiva teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. *GEOUSP, espaço e tempo*, São Paulo, (33), 168-185

SERPA, A. (2020). Lugar, paisagem e experiência. *Geograficidade*, Niterói, *10*(Especial).

SOUZA, C. S. (2015). Entre relatos de vida, fotografias e cartografias: Uma etnografia em diferentes proximidades. Em: KOFES, S.; MANICA, D. *Vida & Grafias: Narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ.

SUZUKI, J. C. (2017). Geografia e Literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, São Paulo, (5), 129-147.